

# VOGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS  
DA ILUSTRAÇÃO  
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg.: LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO  
JOÃO DE SOUSA FONSECA  
DIRECTORA  
ESTELA SANTOS NOBRE  
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO: ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.\*  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta  
TELEF. C. 1084, C. 1606



AUREA, A GRANDE BAILARINA ESPANHOLA, EVOCADORA DA ALMA  
DA GRÉCIA ANTIGA

ESTE NÚMERO TEM 12 PAGINAS E FOLHA DE BORDADOS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO  
Ayuntamiento de Madrid



# VIDA ELEGANTE



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Palmira Osório de Sande Meneses e Vasconcelos, com o sr. Roberto Augusto de Camelo Alcaide, realizado no dia 16 do corrente em Estremoz, em capela particular. — Os noivos após a cerimónia

## FESTAS DE CARIDADE

No Nacional — Prosseguem com toda a actividade os preparativos para a elegante recita de caridade que no dia 7 de Maio próximo se realiza no Teatro Nacional Almeida Garrett, a favor do Seminário de Santarem.

No nosso último número referimos ao programa em geral, hoje apenas nos referiremos à terceira parte do programa. O filme original do inspirado poeta sr. dr. Afonso Lopes Vieira, intitulado *O Afilhado de Santo António*, interpretado por crianças, está assim distribuído: «Princesa», Maria Luísa Penalva Mascarenhas (Torre); «Bruxa», Ana Teles da Silva (Tarouca); «Damas e aias da Corte», Eugénia Teles da Silva Pacheco, Maria Angelina de Sá Coutinho (Aurora), Maria Amélia Lobato Fontes Pereira de Melo, Maria da Assunção de Sá Coutinho (Aurora), Maria da Conceição Aboim Sarzedas, Maria das Dóres Mascarenhas, Maria Emília de Sá Coutinho (Aurora), Maria Francisca Teles da Silva (Tarouca), Maria Inês de Barahona Frago (Esperança), Maria Isabel Pereira de Sousa, Maria de Lourdes de Mascarenhas, Maria de Lourdes Pedroso Coutinho, Maria Lucia Penalva do Amaral, Maria Luísa Possolo Pellen, Maria Perestrelo de Vasconcelos, Maria Rosa Ribeiro Salema, Maria Teresa Ribeiro Salema, «Afilhado de Santo António»; Luís Augusto Pereira Forjaz Trigueiros, «Santo António»; Miguel Duarte Forjaz Trigueiros, «Pai do Afilhado de Santo António»; D. José Caldeira Barahona Frago (Esperança), «Rei»; Luís Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), «Cavaleiro»; António de Mascarenhas (Torre), «Pagens, pobres e figurantes»; António de Lencastre Freitas, António Pedro Fontes Pereira de Melo, Cristiano Henrique da Silveira e Lorena (Zarzedas), Francisco Pinto de Sousa Coutinho (Balsemão), Joaquim António Ribeiro Salema, José Manuel Ribeiro Salema, Luís Filipe Aboim do Quental e Vitor Penalva do Amaral.

## Oficinas de S. José.

Organizada por uma comissão composta das sr.<sup>as</sup> Condessa de Avilez (D. Virgínia), Duquesa de Palmela, D. Gilda Ausiolo de Mesquita Guimarães, D. Isabel Leça da Veiga de Freitas Esmeraldo, Madame Galli, Ministra de Itália; D. Maria Adelaide Moniz Pereira Dinis de Sampaio, D. Maria Amélia Teles da Gama Soares Cardoso, D. Maria Henriqueta da Cunha Soto-Maior Talone, D. Maria Margarida Pocariça da Costa Freire, D. Maria da Piedade Pita

## LIÇÕES DE CANTO

POR M.<sup>ME</sup> LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impoção da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notavel professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da "VOGA"

de Avilez y Avilez e Viscondessa de Monte Belo, realiza-se nos primeiros dias do próximo mês de Maio, num dos nossos melhores teatros, uma elegantíssima recita de caridade a favor do cofre da benemerita instituição Oficinas de S. José, estando o programa sendo elaborado com verdadeiro critério artístico.

## CASAMENTOS

Em capela armada na elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Julia Alice de Oliveira Martinho e do sr. António Martinho, na rua de Santa Catarina, no Porto, realizou-se com muita intimidade o casamento de sua irmã e cunhada, sr.<sup>a</sup> D. Irene Dulce de Oliveira, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Adriana de Oliveira, com o distinto engenheiro sr. Marquês de Ponte de Lima, filho dos srs. Marquês de Castelo Melhor, sendo o acto celebrado pelo reverendo João Guedes de

irmã do noivo, sr.<sup>a</sup> D. Fernanda de Sacadura Freire Cabral de Aires Trindade, e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo, sr. Francisco de Sacadura Freire Cabral.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na sala de jantar da residência um fino lunche, seguindo os noivos para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— No Porto, foi pedida em casamento pela sr.<sup>a</sup> D. Balbina Moreira Ramalho Pinto da Fonseca, viúva do sr. Manuel Pinto da Fonseca, para seu filho Manuel, sua prima, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Virgínia de Araújo Teixeira da Rede, gentil filha do sr. Raul Teixeira da Rede.

A cerimonia deverá realizar-se por todo este A cerimonia deverá realizar-se por todo o próximo mês de Maio.

— Realizou-se na paróquia igreja de S. Ma-



Um aspecto da festa realizada na elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis e do sr. Artur Abecassis, realizada na noite de 10 do corrente

Morais, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia religiosa, durante a qual se fez ouvir o exímio sexteto Fabrê Melody, foi servido na elegante sala de jantar da residência, um finíssimo lunche.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Realizou-se, em capela armada, na resi-



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Gabriela Velez de Ceia, e o sr. Carlos Xavier Coutinho de Sande Freire, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia igreja de S. Mamede no dia 19 do corrente

dência da sr.<sup>a</sup> D. Joana Aires Gomes Trindade e do major sr. José Maria Eugénio da Silva Trindade, com muita intimidade, o casamento de sua interessante filha, D. Ivone, com o distinto advogado sr. dr. Zeferino de Sacadura Cabral, irmão do glorioso e saudoso aviador Comandante Sacadura Cabral.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a

mede, com grande brilhantismo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Gabriela Velez de Ceia, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Emilia Velez de Ceia e do sr. Frederico Guilherme de Ceia, já falecido, co mo sr. Carlos Xavier Coutinho de Sande Freire, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Lucinda Coutinho da Costa Freire e do sr. Xavier Soares de Sande Freire, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Anreliana Velez de Abreu e D. Olga de Sande Freire Ceia, e de padrinhos os srs. Leonel Velez de Abreu e Alfredo Ceia Fernandes.

Celebrou o acto o reverendo prior da freguesia, Monsenhor Francisco Cancio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Durante o acto religioso foram executados no órgão vários trechos de musica sacra.

Findo o acto religioso foi servido na residência dos padrinhos da noiva sr.<sup>a</sup> D. Aurelina Velez de Abreu e do sr. Leonel Velez de Abreu, à rua Pascoal de Melo, um finíssimo lunche, da «Garrett».

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas prendas.

— Com muita intimidade realizou-se na capela da elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Cecilia Van-Zeller de Castro Pereira, viúva do sr. Manuel Castro Pereira, sendo celebrante o reverendo sr. Augusto de Araújo, que antes da missa fez uma comovente alocução, o casamento de sua gentil filha D. Maria Carlota, com o distinto alferes de engenharia sr. Frederico Gusmão Corrêa Arouca, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Ulrich Corrêa Arouca, e do sr. dr. Simão de Corrêa Arouca.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, e D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, irmãs da noiva, e de padrinhos os srs. Marquês

de Pombal e dr. João Enes Ulrich, tios do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido no salão de mesa um finíssimo lunche.



A sr.<sup>a</sup> D. Maria Magdalena Roberto Barreira com o sr. dr. Estevão Amaral Fortes, a saída da igreja de S. Sebastião, por ocasião do seu casamento

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

— Para seu filho Armando, foi pedida em casamento, no Porto, pelo sr. Ventura Duarte Dias, a sr.<sup>a</sup> D. Branca Ferreira Braga, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Rita Ferreira Braga e do sr. António Manuel Ferreira Braga.

A cerimonia deverá realizar-se ainda este ano.

— Na paróquia igreja das Mercês realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Julieta Teixeira Branco, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Matilde Aguiar Teixeira Branco, e do nosso antigo colega na imprensa, sr. Júlio Maria de Azevedo Nunes Branco, com o sr. João José Santa Barbara Manzoni de Sequeira, filho da sr.<sup>a</sup> D. Beatriz de Santa Barbara de Sequeira e do sr. José Manzoni de Sequeira, já falecido, e sobrinho do administrador do nosso colega «Diário de Lisboa», sr. António Manzoni de Sequeira.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Ester Alerlia e D. Maria da Conceição de Pina Ma-

# VOGA

## SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

inserirá no seu próximo numero

2 FOLHAS SOLTAS  
DE BORDADOS

## ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES  
OS MAIS RESISTENTES  
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

rique Pereira Santa Barbara, tia do noivo, e de padrinhos os srs. José Antunes Baptista e Artur Santa Barbara, tio do noivo.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo sr. dr. Fernandes de Castro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Durante a cerimonia religiosa foram executados no órgão vários trechos de musica sacra.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residência do pai da noiva um finíssimo lunche, partindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de artisticas prendas.

— Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ofelia Dias Canélo, filha da sr.<sup>a</sup> D. Amélia Dias Canélo e do sr. Paulo da Trindade Canélo, com o sr. Alfredo Ferreira Marques, filho da sr.<sup>a</sup> D. Joana Ferreira Marques e do sr. António Dias Marques, tendo o pedido sido feito pelo pai do noivo.

Contra as insomnias o chaise-longue Rotin — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS Rua de S. Bento, 120 Telefone T. 801



# A PSICOLOGIA CRONICA DA SEMANA A PSICOLOGIA DA MODA

## A ETERNA MENTIRA

### MASCULINA

A moda é um camaleão estranho, que muda de cor a cada instante. A moda é a mulher rara, peregrina, que busca em cada dia novos amores e novos beijos.

O mundo, hoje como sempre, faz da moda o seu ídolo supremo. Pede-lhe perdão para os defeitos da beleza e implora-lhe o milagre de perfeição da carne. E imola-lhe, como lâmpadas votivas, toneladas de creme e de carmim, quilômetros de sedas, de panos e de rendas.

E a moda, como a química, nada anulando e nada criando, tudo renova e tudo transforma, em belas artes de feiticeira.

A moda é a decoração máxima da Vida. Sem ela, nós ver-nos-íamos obrigados a sempre exibir a mesma fisionomia indumentária, — sem ela, nós teríamos de reeditar continuamente traços já decrépitos. E então a nossa banalidade assemelhar-se-ia, talvez, à banalidade impertinente e antipática dessas hastes sempre verdes, que nunca vemos florir e que nunca vemos fenecer.

Depois, a moda é ainda a mais forte prova da superioridade humana. Porque nenhum outro ser, que não o homem, ascendeu ainda à pátria fantástica da moda! Os quadrúpedes nascem e morrem com o mesmo pêlo, — um pêlo tirânico que nunca os abandona. As aves, conquanto por vezes belas, ostentam sempre a mesma pluma-

O s despoetizados tempos de hoje, ricos de experiência e pobres de sonho, vieram demonstrar que, não sendo o Amor substância capaz de encher o estômago, a Fome e o Amor são termos contraditórios e altamente inimigos... Hoje há mesmo quem afirme que o Amor faz fome, o que é uma triste maneira de eficazmente desmentir o velho sonho de o teu amor e uma cabana, coevo ilustre do *Se coras não conto!* do Bulhão Pato e dos sons românticos das quadrilhas de lanceiros ou do *Belo Danúbio Azul*... Tempos desgraçados estes, meu Deus!... Mas tempos positivos, tempos cheios de ensinamento e de experiência, estes tempos em que, o coração de cada menina solteira, é um autêntico Livro Razão ou qualquer outro calhamaço comercial escrutado por partidas dobradas! E tem razão os tempos de hoje: não há amor quando não há dinheiro para pagar a conta da mercearia, verdade tão flagrante que, até o Camilo, ao citar o tal aserto antigo — o *«teu amor e uma cabana»* — afirma ser mais que certo comerem os namorados o tecto da aludida cabana... Como vêem, já em pleno tempo do romancista célebre o scepticismo começava a roer os corações! Que fará hoje, nestes nossos dias, tão despoetizados, tão desprovidos de amor e de sonho!

Foi-me esta jeremiada tristíssima suscitada por um caso sugestivo sucedido há dias num estúdio de Berlim... Harry Liedtka, az célebre do cinema, ia representar uma ardente scena de amor que os olhos perspicazes do filme registariam... A actriz que com o célebre artista desempenharia aquela passagem da fita era linda, capaz de enlouquecer não direi os portugueses, porque esses andam sempre loucos de amor, mas sim um batalhão de frios e fleugmáticos súbditos dos países do norte!... A verdade porém é que, Harry Liedtka, a pesar de todo o seu talento e de toda a sua boa vontade, estava mais gelado que a tampa dum sepulcro. E o director de scena, a quem o caso surpreendia, vá de encorajar o refractário coração do actor:

— Então Harry!... Um pouco mais de amor, anda! Quer-se mais ternura, mais fogo, mais paixão, mais ardor, homem!...

Harry procurou então corresponder aos desejos do director de scena e agarron nas suas as

bém que com ele desapareçam o pecado e a virtude... E chegará enfim de novo a moda da nudez. E chegará com ela ainda a moral ingénua e primitiva, anterior à mordedura culposa na maçã...

E afinal o que é a moda? Para as mulheres, um globo terreal de setim e de veludo, em cujo interior existe o paraíso; para os homens, uma pirâmide gigante de fazendas inglesas.

Mulheres há que reproduzem nos vestidos a sua própria individualidade, — que recortam sobre o pano da sua fotografia autografada. E alguns patuscos garantem convencidos que os vestidos delas são o reflexo puro da sua própria alma — de uma alma de seda *moirée* ou de *crêpe marrocaín*.

De entre os homens, há também alguns que conseguem dar, por vezes, uma síntese deles mesmos através do corte espalhafatoso de um fato desportivo, através das suas gravatas ou até das suas meias. São os originais e os idiotas. São aqueles que, pensando de mais, necessitam de traduzir seus exotismos — e aqueles que, pensando de menos, resumem a vida a um pobre figurino.

O romantismo exerceu uma influência decisiva sobre a moderna indumentária. Desequilibrando os espíritos, ele desequilibrou também as modas.

Segundo todos os críticos imparciais e lúcidos, o romantismo virilizou a mulher e efeminou o homem. Ele criou a loucura feminista: e a mulher, à força de se estudar, de requintadamente se analisar e dissecar, tornou-se grotescamente masculina. Ele criou no homem essa sensibilidade mórbida, excessiva, que é, na sua essência, puramente feminina. E Rousseau, e Chateaubriand, e Vitor Hugo começaram a inspirar apenas as poetisas — e os poetas... sentimentais, demasiado sentimentais. E, quando a Condessa de Noailles, Lucie Delarue Mardrus e tantas outras reproduziram as ideias e os versos do pai Hugo, não fizeram mais, segundo um grande crítico, do que reharver aquilo que o autor de *Ruy Blas* tinha de mulher...

mãos da lindíssima colega, toda ela fremente de paixão... Mas quando lhe ia a fazer a imprescindível e vulcânica declaração de amor, cobriu-se de suores, vacilou e, deixando cair inertes as mãos da colega:

— Não, não posso! — exclamou. — E demais! Uma declaração de amor, logo pela manhã, e com a barriga a dar horas, está acima das minhas forças!... Ainda não almocei, senhor director!...

Meu Deus, meu Deus! tinha razão o bom do actor!... O mais belo dos sentimentos, matéria obrigada de toda a arte, de toda a poesia e de todo o sonho, é forçado a ceder o passo a duas costeletas panadas... E lembro-me de que, Elena Vacaresco, poetisa românica tornada célebre mercê do seu amor platónico pelo Rei Carlos da Romenia, e por causa de um livro de versos doloridos que corren o mundo inteiro, foi um dia entrevistada por um jornalista alemão. Estava muito bem ataviada e num restaurante da moda: em frente da poetisa ilustre exibia-se um formidável prato de gordas e compridas salsichas...

— O meu amor pelo Rei Carlos... — principiou ela dizendo.

E zás! dez centímetros de salsicha pelas guelhas abaixo!

— decidi poderosamente da minha vocação para as letras!...

Mais dez centímetros de comprida e gorda salsicha a atafulharem-lhe a boquilha, digna do mel de Hymeto... E assim por diante!... Ah leitora, leitora! como tudo, neste mundo, está subordinado à mais reles e despótica das visceras!... Não há amor que resista a um estômago vazio ou a um chapéu fóra de moda!... Só nos livros é que existem amorosos capazes de pôr o coração acima da culinária e das modistas... Com quanta decepção a gente recorda os lindos versos — tão mentirosos, santo Deus! — do pobre Musset:

*Mimi Pinson est une blonde,  
Est une blonde que l'on connaît.  
Elle n'a qu'une robe au monde  
Landerivette!  
Et qu'un bonnet...*

ROSA TIRANA.

E esta revolução reflectiu-se sobre a moda. As mulheres põem *smoking*, cortam o cabelo à rapaz e quasi suprimem as saias, na ansia talvez de adoptar os curtíssimos calções medievais. E os homens vestem casacinhos cintados e raquíticos e exibem, radiantes, picarescas calças-saias...

E à noite, nos salões e nos teatros, que se queima mais incenso por amor da moda. As plateas são às vezes grandes palcos, em que passa uma revista infunda de sedas deslumbrantes e de casacas bem talhadas.

E sobretudo à noite, à saída dos teatros, que melhor se surpreende a graça especiosa da elegância. E nessas silhuetas, fugidias, esbatidas, que se revela, afinal, o supremo espírito da moda.

Nessas sombras elegantes, de homens de casaca e chapéu alto, de mulheres de pelica ou de abafos de setim, traça a moda o seu melhor apontamento e a sua mais bela assinatura.

FERNANDO DE PAMPLONA.

### LIQUIDADORA DAS CHAGAS, LIMITADA

23 a 33, Rua das Chagas, 23 a 33

(Ao Calhariz) — LISBOA

COBRANÇA DE PENSÕES E VENCIMENTOS, nos Montepios. Repartições do Estado, etc. — HIPOTECAS, FRESPASSES, ALUGUEIS, SEGUROS NUMA DAS MAIS IMPORTANTES COMPANHIAS

MOVEIS NOVOS E USADOS, ANTIGOS, E MODERNOS, GRAMOFONES E DISCOS, FOGÕES DE FERRO

As leitoras da VOGA tem um desconto de 5 0/0 em todas as operações efectuadas nesta casa, desde que apresentem na ocasião o numero do nosso semanario que insira um anuncio igual a este.

TELEFONE 7. 838

COMO sabes, Eugénia, os homens afirmam a cada passo que nós temos uma psicologia muito complicada, embora todos eles se julguem conhecedores profundos do nosso temperamento.

Onde quer que eles se reúnam é sabido que outro tema não vem à tala da discussão: a mulher.

Que a mulher é curiosa, frívola, ingrata, felina, cruel, eu sei lá! Concentramos em nós todos os defeitos... E eles, afinal, é que detem todas as virtudes...

Mas já estava a enveredar pelo campo da filosofia e eu sinto-me hoje muito mal disposta para filosofar. O que eu te queria dizer, aqui, muito em segredo, de forma que eles não me escutem, é que os homens possuem todos os defeitos que nos atribuem. E a prová-lo está o facto que se deu ante-ontem em casa da condessa de...

Realizou-se no seu palácio, como deves ter sabido pelos jornais, uma festa que decorreu animadíssima. Também fui a essa festa, acompanhada pelo papá e a mamã. O Henrique, o meu noivo, não faltou. Sabes que ele já me pediu em casamento, como te disse numa das minhas cartas anteriores. Adoro aquele rapaz. De todos os namoros que tenho tido o dele é o que mais profundamente me tocou o coração.

Houve baile na festa da condessa. Dansei algumas vezes com Henrique. Porém, num dado momento, a condessa, certamente, no intuito de me ser agradável, apresentou-me um cavalheiro — Júlio Monteiro — que me era profundamente antipático, porquanto me pareceu ler no seu rosto bonitinho uma grande vaidade.

O cavalheiro dansou comigo, mas a dança não lhe bastou: quis conversar. Respondi-lhe



por monossílabos. Ensaçou um *flirt*: fiz-me desentendida. Passou do *flirt* à declaração de amor, banal, recitada sem arte, como o sr. Pantaleão. Repreendi-o, pedindo-lhe que não continuasse porque me desagradavam as suas palavras. Não fez caso, pensando talvez lá para consigo, que eu me fazia rogada para depois o escutar com mais interesse. Passou à ofensa, desalegante, torpe. Proibi-o terminantemente de me falar, sob pena de fazer escândalo. Ri-se de mim e eu quasi não podia reprimir a minha cólera.

Escândalo não teria coragem para o fazer, mas tão vexada me senti que tive ansias de me vingar, de castigá-lo com violência.

Ergui-me e fui contar tudo ao Henrique. Ele ouviu-me imperturbável — e calou-se. Arrependi-me, alguns momentos depois da minha precipitação. Henrique era exaltado e seria capaz de ter com o outro algum conflito sério.

Num dado momento, verifiquei que nem um nem outro estavam no salão. Temi, querida amiga, uma fatalidade, um duelo, uma scena de pugilato. Vi sangue na minha frente, visionei um drama horrível.

Presentindo uma grande desgraça, saí disfarçadamente do salão, e fui procurá-los.

Ao cabo de alguns minutos descobri-os, lá ao fundo, no topo da escada. O Henrique, em cabelo, fumava uma cigarrilha, o outro, de sobretudo envergado, estava pronto para saír. Aproximei-me sem ser pressentida. Despediam-se amavelmente. As últimas palavras do outro para o meu noivo:

— Pois dou-te os meus parabéns, rapaz. Arranjaste uma pequena de se lhe tirar o chapéu...

E o Henrique, num sorriso de desdém:

— Não é má, não é má...

Passai então por eles, mas as pernas vacilavam-me. Senti naquele instante uma vontade de morrer, de desaparecer.

Os homens, querida Eugénia, não serão mais dignos de estudo do que nós, mulheres?

Tua amiga muito amiga

GRAZIELA.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gôsto pela boa leitura?

— Dé-lhes o

MAGAZINE  
BERTRAND

Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS, abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajem sós. — Peçam prospectos.

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.





3

# AS MODAS EM VOGA

OS NOVOS VESTIDOS DE BAILE, EVOCAM O SÉCULO XVIII

LEITORA AMIGA: QUAL DESTES LINDOS MODELOS PREFERE?

**H**á já tempo que os vestidos de baile, «cor-de-estilo» se usam. Supôs-se, primeiramente, ser esta inovação uma volta aos tempos antigos e volta essa, à qual ninguém daria anuência; esta ideia dos lindos vestidos rodados, de anquinhas postiças e cinturas delgadas e flexíveis, caíra sem o mais leve protesto de simpatia ou mesmo de discordância, isto é, caíra pela indiferença.

E, afinal, não foi assim, queridas leitoras. A moda esboçou-se a custo, sem grande entusiasmo nem interesse, mas, pouco a pouco, desenvolveu-se e firmou-se com tanta perseverança e assiduidade que, hoje, os vestidos de baile são, em grande parte, de saia rodada e corpo justo.

Uma das variantes que a moda deu a estes vestidos, foi a de os encurtar apenas à frente, ou somente de um lado, ficando o resto da saia bastante comprida.

Efectivamente, são muito curiosos os bailes

teadas desce do ombro direito e termina a meio do primeiro folho da saia, que é completada por um enorme laço em tafetá rosa, prefazendo, assim, a completa harmonia estranha desta deliciosa «toilette» de noite.

O n.º 2, criação Redfern, é também um modelo bem sugestivo e com uma linha tão gentil e harmoniosa que tenta e interessa.

O corpo é muito cingido, modelando a linha da cintura, muito estreita e torneada. A saia, também cortada em dois folhos, um mais largo do que o outro, é talhada em *godets*, que caem em largos canudos, afastando a saia com elegância e dando-lhe uma amplitude harmoniosa. Em volta da cintura, decorando o corte gracioso que une a blusa à saia, é colocada uma «ruche» no mesmo tecido, e, ao lado direito, um «boutonnet» de flores em azul e rosa.

O tule é também um dos tecidos tão usados como o tafetá, para a realização destes vestidos.



1

## A RAINHA SURRAYA

### A VISITA DOS SOBERANOS DO AFGANISTÃO À EUROPA

O Oriente sempre misterioso e enigmático, acaba, enfim, de erguer uma ponta do seu véo conturbador para deixar passar de visita às civilizações ocidentais, uma das suas famílias reinantes mais hieráticas e que até hoje jámais havia ousado transpôr as fronteiras dos seus domínios de esplendores fantásticos e fabulosos.

Referimo-nos aos reis do Afeganistão que presentemente se encontram percorrendo os principais países da Europa, tentando reconhecer a discordância entre os benefícios (?) da civilização ocidental e os hábitos estranhos do seu país de tradições lendárias e sacerdotais.

É com efeito a primeira vez na história do Afeganistão, que um seu monarca viaja até uma tão longa distância do seu território, e bem assim a primeira vez também que a linda rainha, esposa do rei Amanullah, acompanha o seu marido até ao contacto sacrilego e profano das sociedades ocidentais...

Entrevistada pelos jornalistas dos vários países percorridos, a rainha do Afeganistão tem declarado que a sua viagem obedece somente ao desejo de obter todos os conhecimentos possíveis que depois provem ser de utilidade para o seu país.

O Afeganistão é um país situado entre a Índia e a Sibéria, demasiado montanhoso para que a construção de caminhos de ferro seja possível. Os meios de transporte mais modernos actualmente em uso consistem em milhares de automóveis, a cujo emprego a população se tem adaptado com estranha facilidade.

A antiga capital, Kabul, está sofrendo uma rápida modernização segundo vários planos de engenheiros franceses e ingleses, e dentro em pouco tempo a capital do Afeganistão passará para uma outra cidade, Dar-ul-Amen, que depois de concluída será uma nova edição resumida de Paris.

A rainha do Afeganistão tenciona visitar a Itália, a França, a Alemanha, a Bélgica, a Inglaterra e a Rússia.



2



4

de hoje, onde se vê os lindos vestidos em tecidos transparentes e alacres enfeitados a prata e ouro cingirem airoso e harmoniosamente o corpo esbelto e fino da mulher moderna. As saias são largas, mesmo muito largas. As anquinhas postiças arredondam os quadris, gentilmente, para que a saia caia larga e faustosa, muitas vezes até ao tornozelo atrás, e à frente um pouco mais comprida que o vulgar vestido de passeio.

Resultam bailes «dezoitecos» estes, onde o século XX a custo assoma com alguns dos seus modelos, muito curtos e estreitos, cingindo todo o corpo onde se adivinha a linha harmoniosa da moderna elegância feminina.

É dos vestidos de estilo tornados tão modernos, estranhamente modernos no nosso século, que venho falar hoje às leitoras e dar-lhes, simultaneamente alguns modelos que marcam nitidamente, embora a linha geral do vestido seja diversa, o corte gracioso dos modelos de casas de Paris, bem conhecidas em todo o mundo.

No n.º 1: um elegante vestido, criação de Charlotte, em tafetá preto. O corpo do vestido desce um pouco abaixo da cintura, justo e gracioso. A saia é cortada em dois largos folhos franzidos e tendo à frente um corte triangular, tornando-o mais curto à frente pela desigualdade e linha. Uma grinalda de flores pra-

te menos espalhafatoso de roda do que aquelles, mas é muito distinto e vaporoso.

O n.º 3, criação de Philippe et Gaston, é executado em tule azul forte, azul inglês, uma das cores mais lindas para de noite e que muito bem fica a quem for branca e tiver cabelos louros.

Este vestido é todo cortado em folhos que vão diminuindo de roda, conforme vão ficando mais abaixo. O aspecto geral deste vestido é delicioso. Lembra as ânforas plenas de elegância e com uma linha encantadora de curvas arredondadas.

O único enfeite deste vestido, além do seu corte tão perfeito, são três flores enormes que pendem da cintura como duma haste flexível.

O n.º 4, modelo criação Redfern, é em tafetá vermelho com incrustações em dois tons de rosa. Um dos ombros é completamente feito em tafetá rosa e o outro tem apenas uma pequena tira.

Esta saia é prodigiosamente larga, mas inteira e lindamente decorada com as enormes flores incrustadas que rodeiam a saia, descontrando-se na parte da frente. Muito comprida, esta saia levanta levemente à frente, seguindo a moda presente, que desiguala as saias, dando-lhe a graça do inédito.

MADemoiselle X.

## SEGREDOS DE BELEZA

### CUIDADO A TOMAR COM A NUCA E O PESCOÇO

A nuca também tem os seus encantos e seduções como o rosto: o mais pequeno defeito basta para destruir a sua beleza.

O pescoço deve ser normalmente estreito na parte superior e mais largo na base harmonizando-se suavemente com a linha dos ombros. A nuca deve ser cheia e arredondada e não se devem aperceber nem os músculos nem os tendões. É preciso também defendê-la da magreza assim como das depressões musculares.

Muito se protestou contra as nuças rapadas, não porque os cabelos curtos as tornassem feias mas simplesmente porque as descobriam com uma franqueza ingénua mostrando as suas perfeições e os seus defeitos.

Um dos primeiros cuidados a tomar é não o apertar pois a compressão causa a tumefacção das artérias e a fealdade da epiderme numa congestão lenta.

Deve-se friccionar o pescoço e a nuca com um preparado adstringente ou emoliente segundo a epiderme for seca ou oleosa. Deve-se observar a mais estrita higiene e para nos preservarmos de furunculos ou quaisquer outras doenças massadoras empregar o álcool puro, água de Colónia muito boa, álcool de alfazema e álcool canforado e friccionar com esta mistura a pele.

As loções com sumo de limão misturado a espírito de vinho, as aplicações de água oxigenada a 12 volumes, a tintura de benjoim misturado a água de rosas, são todas excelentes cosméticos para o pescoço e a nuca.

O pescoço demasiado gordo tem, como remédio para o reduzir, uma massagem com uma pomada ou creme. As gemas de ovos batidas com água de rosas e óleo de avelã fazem uma esplendida composição que guarda a frescura da epiderme e defende a sua juventude. Este remédio é do século XVIII época das grandes belezas e elegâncias, dos mi-mosos rostos onde, redondos e nitidos, se os-



MALAS E BASTOS SILVA, L.<sup>DA</sup>  
CARTEIRAS ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81

tentavam os pequeninos sinaisinhos de tafera, o século das anquinhas e das cabeleiras empoadas em que até os homens cuidavam da pele e usavam pó de arroz...

VOGA, APRESENTARÁ EM BREVE OS SEUS PRODUCTOS DE BELEZA





# CARTA DE PARIS

OS VEUS DE  
NOIVA E OS  
CABELOS COR-  
...TADOS...

DOIS LINDOS E  
MODERNÍSSIMOS  
VESTIDOS PARA  
...CRIANÇA...



Querida:

INSTALADA na minha secretária, os olhos habituados à sua disposição sentem-se contrariados pela sua mudança, embora imperceptível, mesmo para um familiar. Trocaram-me o meu «fauteuil», de coiro macio e prático, por um outro antigo, em madeira esculpida.

Se tu viesses esta diferença!... De quente e agradável que era o meu escritório, eis-lo altivo e frio.

Estou desejando retomar o meu velho companheiro, o meu antigo «fauteuil». Ele sabia quando eu estava de bom humor e conhecia as minhas preocupações e dir-se-ia que, envolvendo-me em seus braços, procurava consolarme quando eu estava triste.

Mas não nos demorem os todos estes pequenos pormenores da vida. Não há tempo de se ser sentimental. É uma atitude que não está na moda.

Eu tenho trabalhado estes dias bastante para ti, minha querida. Felizmente que, com grande facilidade, tenho tido o tempo livre.



Casamentos elegantes permitiram-me que reparasse em coisas muito bonitas.

O casamento de Jean Millerand, o filho do nosso antigo presidente da República, realizou-se esta semana e foi muitíssimo elegante.

Foram principalmente os veus que encontraram uma nova aplicação. Os cabelos cortados deram ocasião a uma outra linha. Muito simples, sempre seguindo a linha da cabeça, este

primeiro modelo tem um diadema em pérolas e o tule prende os cabelos formando, assim, a mais deliciosa «coiffure» para noiva.

O segundo modelo é bem mais simples. Prendendo o tule, envolve a cabeça uma linda grinalda que fecha atrás com um lindo motivo de pérolas.

Voltámos agora de Deauville, onde passámos lindos e alegres dias. Uma natureza maravilhosa, um tempo radioso, uma multidão variada como em plena estação de verão.

Além da calma e solidão, há um mar grandioso e belo, uma atmosfera sã e doce para os parisienses cansados.

Se o mar faz bem aos adultos, que salutar não é ele para as crianças! Também havia uma afluência enorme de crianças que, com pás e baldes, faziam covas na areia e construíam pequeninas casas. Encantadoras crianças, com as facesinhas muito vermelhas do esforço e correrias, adoravelmente vestidas com os seus fatiños de Jersey, faziam a alegria dos olhos.

Um gracioso rapazinho, conduzindo com mestria um minúsculo auto, era uma alegria para os outros garotos. E uma menina, vestida encantadoramente, dando o seu passeio malinal acompanhada do seu cão Bobby, atraía bem todos os olhares.

Uma elegante vestida com a última novidade da estação fazia-se admirar, mercê dum lindo conjunto inédito. O toque, muito interessante, a mala e mesmo a sombrinha, assim como a echarpe, tudo se combinava mediante estreitas fitas em dois tons, formando rosetas.

Antes de terminar, deixa-me dar-te ainda duas descrições de vestidos de crianças, que eu gostaria tu adoplases para tuas filhas.

Um deles é em musselina rosa, enfeitado atrás com quatro folhos; à frente tem uma parte inteira bordada e contornada com uma fina renda. Pequenos «bouquets» enfeitam o vestido e um deles é colocado no ombro, segurando algumas fitas.

O outro é em organdi branco, recortado em pontas. Um bordado feito à mão ladeia toda a saia e forma o empiècement.

Também neste se vê o mesmo «bouquet» de flores no ombro, segurando o laço de setim azul, que cai à vontade.

Eu acho este género de vestidos delicioso para vestir os pequeninos, pois a riqueza do bordado faz apreciar o conjunto.

Até breve, minha querida. Envia-te ternos beijos a tua tia, muito amiga

NUELMA.

## CULINARIA OS OVOS

OS ovos são de todos os alimentos, quando em bom estado, o único que constitui um verdadeiro acumulador de energia.

As suas qualidades nutritivas encontram-se perfeitamente equilibradas e são extremamente fortificantes, leves e sadias.

Todas estas qualidades excelentes são, porém, susceptíveis de se alterar com grande facilidade.

Logo após ter sido posto, a transformação química dos vários componentes do ovo inicia-se sem demora, e os seus produtos nutritivos começam a reduzir-se por evaporação através dos poros da casca calcárea por onde o ar é absorvido.

A sua vitalidade decresce assim progressivamente mais ou menos depressa segundo as circunstâncias e temperatura do meio ambiente, até à sua verdadeira morte orgânica ou putrefacção.

Para evitar, pois, que os ovos possam deteriorar-se com facilidade, bastar-nos-há impermeabilizar a sua casca à influência do meio exterior, procurando igualmente mantê-los numa temperatura bastante fria e constante.

Se tomarmos um ovo logo após ter sido posto e selarmos os poros da sua casca com uma camada de azeite ou ainda o fizermos mergulhar instantaneamente em água a ferver poderemos assim obter uma maior longevidade da sua vida orgânica, tornando-o incapaz de exercer a sua função reprodutora e consequentemente impedir a sua putrefacção.

Existem mais de cem modos de preparar os ovos como comestível: em «hors-d'œuvre», entremeses de gordo, de magro, de doce, misturando-os com toda a espécie de legumes, com leite e com açúcar, quer misturando-os com muitos molhos e outros processos mais ou menos delicados.

A arte do cozinheiro consiste assim em combinar os ovos à vontade, preferindo as misturas simples ou aparentes, que reúnem à delicadeza do paladar o bom aspecto e a salubridade.

### OVOS ESCALFADOS FRITOS À ITALIANA

Põe-se a ferver bastante água, temperada com sal, sobre lume forte. Quando a água ferve deitam-se-lhe dentro, sucessivamente, alguns ovos, tirando-os com a escumadeira, logo que estejam escalfados e põem-se a arrefecer.

Depois de frios regulariza-lhes a superfície com uma tesoura, põem-se num polme feito com ovos batidos, sal, pimenta, raspas de noz moscada e bastante queijo parmeizão, fregem-se em seguida em manteiga fervente e servem-se graciosamente dispostos num prato.

Adquirem-se noções de todas as  
coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND

## A IDADE DA CONSERVA

OS antigos tinham adoptado quatro idades na história do género humano: a idade do ouro, da prata, do bronze e do ferro, cada uma delas caracterizando uma época.

Talvez que, nossos netos, classificando a nossa época como a idade da telegrafia sem fios fiquem surpreendidos por ver a América inscrita na «idade da conserva».

É o que se deduz das seguintes declarações proferidas por Lord Asquith, no fim dum almoço do Instituto Colonial de Londres:

— Os americanos vivem quasi exclusivamente de conservas, e se estas viessem a desaparecer 25 % dos maridos americanos morreriam de fome, porque suas mulheres não saberiam preparar-lhes um único prato!

A América, acrescentou elle, com risonha ironia, está, portanto, em plena idade da conserva...

## QUANDO ALGUEM ESPIRRA...

ATCHIM!!!... Haaa!... ha... ha...  
Atchiiiiimmm!!!

— Pronto! Já te constipaste!

— Eu?... Mas não porque já!... já!... ha... haaaa!... Atchiiiiim!!!

— Eu bem te dizia que não te sentasses em frente desta porta!

— Perdão! Um espirro, embora constitua sempre um fenómeno tão físico como ridículo, não passa, afinal, de um aviso de que a parte inconsciente do nosso organismo que tem por obrigação velar pela nossa saúde e segurança, está com efeito desempenhando o seu dever sem dificuldade ou recusa.

Quando espirramos não fazemos mais que limpar ou varrer devidamente e com a maior inconsciência, todas as nossas passagens nasais, arrastando para o exterior com violência toda a poeira ou objectos estranhos que por ventura estão impossibilitando a passagem do ar.

De resto, toda a gente pode evitar com a maior facilidade, um espirro!

— ?...

— Podes crêr! Basta carregar firmemente com o dedo indicador sobre o lábio superior na base do nariz, entre as duas narinas e vereis como depois de alguns segundos o desejo de espirrar desaparece.

— Aceito a lição e experimentarei na primeira oportunidade!







Vestido em crepe da China la-  
vado, branco e vermelho, en-  
feitado a lajeola. Crea-  
ção Philippe el Gas-  
ton Foto Manuel Frères



Vestido em crepe  
georgette verde  
e rendas no mes-  
mo tom. Creação  
Riva Foto Henri Manu-  
el



Vestido de sport em flamenga  
com três tons de azul. Crea-  
ção Lucien Helong. Foto Scaioni



Vestido em crepe  
da China enfeitado  
a nervuras e bor-  
dados Luxeul nas  
mangas. Creação  
Charlotte Foto Manuel  
Frères



Vestido em cre-  
pe Mongol pre-  
to e creme. Crea-  
ção Philippe el  
Gaston Foto Ma-  
nuel Frères



Casaco  
de noite em  
lame, bordado  
Gola e  
punhos em  
raposa. Crea-  
ção Charlotte  
Foto Manuel Frères



Vestido de noite em  
crepe georgette preto  
bordado a "siroas"  
e ao plissado. Crea-  
ção Lucien Helong  
Foto Scaioni



Vestido de sport em  
tecido de lã verde  
claro. Creação Charlotte  
Foto Manuel Frères



Casaco em selim preto  
e cinzeno com folhos  
plissados. Creação Caro-  
line Foto Henri Manuel



Vestido de passeio em  
crepe georgette verde e rose  
Creação Herbin Foto Hen-  
ri Manuel



Vestido em crepe da China  
lavado, branco e preto.  
Creação Myrbor Foto Manuel  
Frères

Vestido em tafetá e selim  
preto com bordado  
mulicor. Creação Myrbor  
Foto Manuel Frères



Capa e vestido de  
baile em crepe ge-  
orgette ricamente bor-  
dado. Creação Melin-  
le Simonin Foto Manuel  
Frères

Capeline em pa-  
lho preto enfeitado  
com flores azul  
e rosa e fita nas mes-  
mas cores. Creação  
Cora Marson Foto Manuel  
Frères



Sentada Vestido em tafetá  
rosa pálido enfeitado  
do com ruche de musse-  
lina no mesmo tom.  
Depé Vestido em tafetá  
azul enfeitado com  
vieses colocados em  
redondo. Foto Manuel Frères





## A ELEGANCIA DOS BÉBÊS

### MODAS PRATICAS

A excelsa arte de ser mãe implica duas grandes qualidades na mulher: — a ternura e a economia. Pôr assim o dinheiro ao lado do amor de mãe poderá parecer irrisório. É que a boa administração sabe conduzir o espírito maternal para a mais alta missão da mulher: educar.

Mais do que todos os tratados, mais do que todas as teorias, será sempre o coração, quando conduzido pela inteligência, que há-de dar o verdadeiro caminho à educadora.

Torna-se então uma necessidade primordial a economia.

Esta tem duas qualidades para a criança: uma é ficar-lhe para a maioridade o que sua mãe conseguir economizar na meninice do filho, ficando assim este com um futuro mais fácil; a segunda é, criando-lhe pelo exemplo contínuo um ambiente de sábia e sensata administração, habituar a criança, naturalmente e sem esforço, à sábia condução do seu futuro.

A página que damos hoje é para as boas

tivas. Tão simples como deliciosos, estes vestidinhos tem uns feitiços que, dum ano para o outro, tem uma modificação fácil sem que se note a emenda tendente a acrescentar o vestido.

Em poucos meses as crianças fazem grandes diferenças e, quando não há irmãs mais pequenas, muitas vezes torna-se necessário pô-las de parte, quando com um arranjo, tão simples como os que damos nesta página, o vestido serve lindamente à criança, sem se notar a diferença nem nada perder da sua primitiva graciosidade.

Nos oito modelos que hoje publicamos, tendo respectivamente a maneira de os arranjar, verificam as nossas leitoras como são simples as modificações, e que gentis ficam os vestidos apesar de terem sido acrescentados.

Com o feitiço que tem o vestido n.º 1, o arranjo é muito gracioso, dando ao vestido uma nota mais moderna e interessante. Com fita «gros-grain» na cõr do vestido faz-se em baixo,



O n.º 5 lucra bastante depois de arranjado. Numa das côres que mais predomine no tecido lavrado de que é feito o vestido, põe-se uma barra ligada por meio de recortes. No decote e nas mangas põem-se também umas tiras no mesmo tecido liso, e temos depois o mais delicioso dos fatinhos de criança.

Os vestidinhos enfeitados com plissados como o modelo n.º 6 tem uma graciosa modificação: acrescentar-lhes um folho todo plissado que maior graça emprestará a este modelo. Convém notar que o folho plissado que se acrescente não deve ser muito largo, pois então perderia a sua linha gentil e harmoniosa.

Um simples cinto também pode ser uma ajuda utilíssima. Corta-se o vestido e põe-se-lhe uma tira bordada e debruada da mesma maneira que a gola. Este modelo, o n.º 6, é uma graciosa e leve pequena *toilette* que muito alindará os petizinhos nos seus passeios matinais ou nas suas alegres estadas nas praias.

Temos por fim o modelo n.º 8 que com um novo cinto e uma barra na saia, em baixo, fica também muito engraçado e principalmente se as barras forem na mesma cõr do vestido mas num tom diferente. Como por exemplo, dois tons de azul, rosa, salmão, verde, etc.

E eis, queridas leitoras, lindos modelos para alindar as vossas filhinhas, tendo juntamente com estes a maneira de os acrescentar quando no ano seguinte a pequenina crescer e o vestido estiver curto.

A Voga tem por norma interessar-se sempre por tudo que diga respeito à mulher em todas as alturas e idades, mesmo na sua meninice, quando elas ainda ingênuas e inconscientes já amam novas *toilettes* e delas se orgulham.

LILIANA.

— Suas filhas não gostam de ler?

— Quere que tomem gôsto pela boa leitura?

— Dê-lhes o

MAGAZINE  
BERTRAND

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

## O DOCE... NUNCA AMARGOU

Molhos para pudins

MOLHOS DE FRUTAS

Um terço de chávena de manteiga.  
Uma chávena de morangos, amoras frescas ou qualquer fruta de conserva sem o caldo.

Uma chávena de açúcar fino.  
Uma clara de ovo.

Derrete-se a manteiga e junta-se o açúcar gradualmente. Adiciona-se em seguida a clara bem batida até estar bem espessa e, finalmente, bate-se tudo muito bem. Juntam-se depois as frutas bem sucadas e bate-se tudo até formar um creme.

MOLHO DE LIMÃO OU LARANJA

Uma chávena de água.  
Duas colheres grandes de sumo de limão ou laranja.

Uma colher de chá de maizena.  
Duas colheres grandes de açúcar.  
Ferve-se a água juntamente com o açúcar e a maizena humedecida num pouco de água fria. Depois de ter fervido por 5 minutos, adiciona-se o sumo da fruta e uma colher de caramelo, se se desejar uma cõr escura.

MARMELOS ASSADOS

ELEMENTOS a empregar:

Marmelos q. b.  
Açúcar pilado q. b.  
Vinho do Pôrto q. b.  
Lavam-se os marmelos, corta-se a cada um deles uma rodela do lado da inserção do pé e limpam-se das pevides e das cápsulas que as conteem. Dispõe-se cada um com a abertura para cima, numa tigelinha de ir ao forno. Enchem-se as aberturas com açúcar pilado, que se regará com vinho do Pôrto até que a cavidade não comporte mais. Coloquem-se depois as rodela cortadas a servir de tampa e levam-se as tigelinhas ao forno até que os marmelos estejam assados.

Sirvam-se quentes, como doce de cosinha.

De entre os jornais femininos, VOGA é o único que está a par da sua época. Comparem-no com os jornais do mesmo preço de Paris e verão: tem melhor papel, melhores gravuras, melhor colaboração e... é português.

—



mães, as mães económicas que desejem vêr os filhos lindamente vestidos e sem grande dispêndio.

A adaptação dos vestidos às novas idades das crianças, na altura em que estas crescem rapidamente, é uma preocupação para as boas administradoras do seu lar.

Vimos hoje dar às nossas leitoras esplêndidos exemplos dessa adaptação, achados felizes que decerto irão solucionar grandes problemas para aproveitamento de vestidinhos postos de parte por estarem pequenos.

Voga vem hoje carinhosamente cuidar em especial da *toilette* dos pequeninos, com o interesse que merece a graça infantil dos loiros bebés, todos tão lindos e carinhosos que são o enlevo e esperança de seus pais.

Quanto destes pequeninos seres, todos candura e inocência, são o embrião de grandes homens, senão grandes artisticamente, ao menos uteis à sociedade!

A mulher desde pequenina começa a interessar-se pelas suas pequeninas *toilettes*, e a sua alegria é grande quando lhe dão um vestidinho novo ou mesmo lindamente modificado.

Esta página (como as dos lindos contos para crianças que temos publicado), irá dar aos pequeninos leitores da Voga a mesma alegria, pois se aquela lhes dá a alegria de espírito, esta dá-lhes contentamento vaidoso de novos vestidos.

Todos estes modelos aqui publicados são duma graciosidade e elegância bastante suges-

na saia, uma barra entrançada. Nas mangas repete-se o mesmo.

Os enfeites em crêpe da China que primitivamente enfeitavam o vestido desaparecem para não se misturar enfeites diversos, ficando este modelo depois de acrescentado sómente enfeitado com a fita «gros-grain», de que se farão, além das barras entrançadas, o cinto e as fitas do decote.

No n.º 2, como o seu enfeite é «à jours» formando quadrados e riscas, acrescenta-se em baixo, na saia, uma barra com duas riscas de «à jours» e aí tendes, leitoras, um vestido arranjado, conservando a sua linha graciosa e a sua beleza leve e gentil.

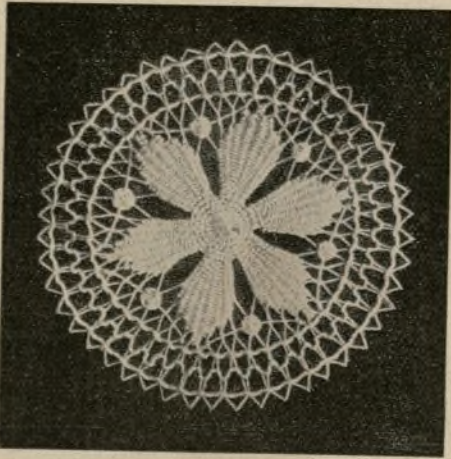
No n.º 3 o arranjo é um pouco mais dispendioso, mas o pequenino conjunto é tão lindo que merece a pena o trabalho e tentará certamente muitas das nossas leitoras que tenham em casa um casquinho que esteja curto à pequenina e que mereça um arranjo tão mimoso como este.

No mesmo tom com que são feitas as tirinhas que enfeitam a gola e as algebeiras faz-se uma saia plissada que forma, com o casquinho, levemente modificado, um destes modernos conjuntos tão usados este ano.

Nos vestidos enfeitados com folhos estreitos acrescenta-se mais um, e eis o vestido arranjado sem que mesmo as conhecedoras destas modificações percebam se foi arranjado ou não. E eis, leitoras, como se remedeia a pequenez do modelo n.º 4.

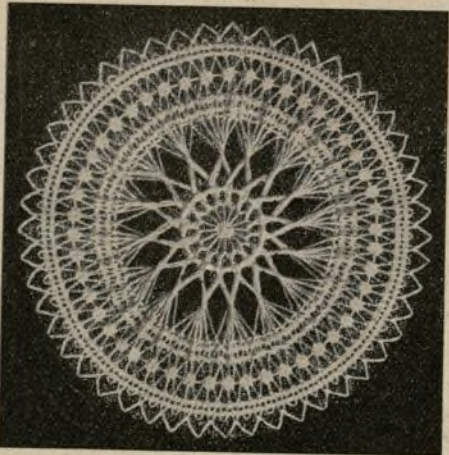






Novos modelos deste género de rendas tão delicadas e subtis vimos submeter à decerto favorável apreciação das nossas leitoras, contando com o seu bom gosto e arte.

As rendas de Tenerife teem a mais ampla aplicação, pois basta mudar-se a linha fina com que se fazem rendas para trabalhos delicados em algodão «perlé», construindo-se assim, compostas de rosetas, lindas colchas ou pequeninos tapetes e «napperons» decorativos em cores dis-



cretas e harmoniosas, com que se adorna o lar.

Estas rendas são fáceis e ligeiras. Já num dos números passados falávamos na maneira de se arranjar os pequeninos bastidores de papelão quando não houver a facilidade de se comprar os bastidores próprios, que se vendem completamente preparados e cujo modelo damos aqui. É uma circunferência tendo em volta e no meio pequeninas pontas em metal, que seguram a



linha. A gravura que representa o pequenino bastidor, mostra perfeitamente a maneira de se lançar os fios. Se a roseta fôr feita com linha grossa e linha fina traçam-se as linhas conforme se vê na gravura; sendo apenas com uma qualidade de linha traça-se, passando-a por todos os bicos de metal na parte exterior e in-

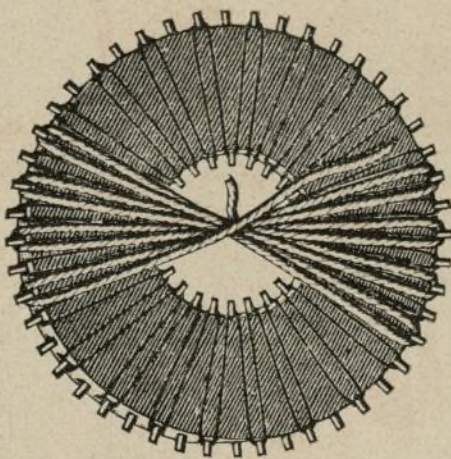


## BORDADOS E RENDAS

### RENDAS DE TENERIFE

terior, se a roseta tiver o centro aberto; e só na parte exterior cruzando-se no centro quando este é trabalhado.

Temos nesta página lindas rosetas, quadrados e rendas. Todas elas teem uma elegância natural distinta e graciosa envolta nas suas linhas muito finas, que se cruzam e entrelaçam numa



meada subtil e delicada que nos encanta os olhos e torna encantador o lar.

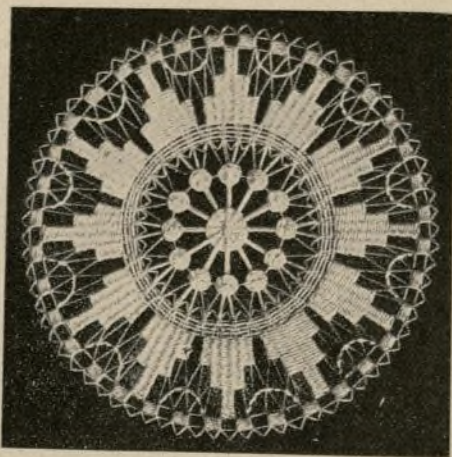
As rosetas são feitas, depois dos fios convenientemente passados, começando-se primeiro pelo centro e assim se vem trabalhando toda até à extremidade.

Para se formar o quadrado trabalha-se seguindo o mesmo critério; apenas difere das outras em ser feito num bastidor quadrado ou no papelão, como já dissemos, com a mesma forma. As rendas teem mais dificuldade de realização mas nem por isso se deve esmorecer, pois a sua gracilidade, tão ténue e delicada, merece o nosso esforço e interesse.

Há o lacet Tenerife, que vem simplificar imenso este trabalho, pois esse «lacet» é fabricado com vários desenhos e larguras e forma geralmente a orela da renda e as pontas. Apenas a parte central é trabalhada por nós, ligando-se as orelas com linhas que depois são trabalhadas segundo o modelo que se deseje fazer.

Como as leitoras verificam, estas rendas que aparentemente teem o aspecto de difíceis e trabalhadas, simplificam-se agradavelmente, ficando, da mesma maneira, rendas cheias de graça e leveza.

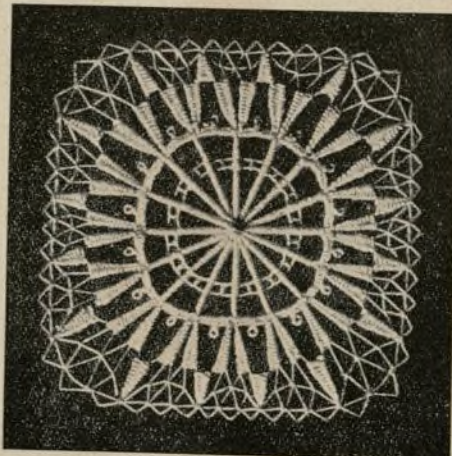
Lindas e vaporosas, estas rendas guarnecem com uma sábia elegância lindos «napperons» em seda, ou tecidos transparentes com que se



adornará o quarto de cama e gabinete de «toilette».

Utilidade mais variada teem elas, pois, sendo feitas em linha grossa, comporão muito graciosamente um jogo para casa de jantar e ainda poderão enfeitar, emprestando-lhe sempre a sua leveza mimosa e suave — uma linda «parure» quando a renda e as rosetas ou quadrados que lhes sirvam de aplicação forem feitas em linha muito fina e brilhante.

As rendas que podem, com facilidade, ser executadas por nós, teem, em geral, esta dupla vantagem muito aproveitável e prática: não só



## A AVÓ, A NETA E O PRIMO

MARIA VALENTINA — Mocidade. Futildade. Esbelteza.

D. JOANA RIBEIRO — Sessenta anos, desolada e filosófica.

ALVARO MENEZES — 25 anos. Puerilidade. Pretensão.

Uma sala de visita discreta, mobilada com gosto, à antiga, em que destoam uns quadros modernistas, um biombo com motivos cubistas e duas bonecas francesas.

ALVARO — E o médico também te desagrada?

MARIA VALENTINA — O médico é a enfermidade personificada, a visão continua do hospital. Afigura-se-me ser artificial: meio homem, meio medicamento de farmácia. Devia ser de morrer de aborrecimento ouvi-lo conversar de enterites, de dilatações do fígado, de pneumonias duplas, de bronquites crónicas!

D. JOANA — Estas mocidades de hoje... E o advogado também tem defeitos?

MARIA VALENTINA — Esse ainda me parece pior do que os outros dois. Para ir ao teatro, sósinho, fazia-me um longo discurso, provando que era por amizade, por consideração, que me deixava ficar em casa. Se eu discordava — zás, um discurso. Fingia concordar só para o não ouvir — traz! outro discurso. Um advogado daria um mau marido: em vez de obras, palavras; em lugar de atitudes leais, frases capciosas. Só o toleraria com uma condição...

ALVARO — Qual?

MARIA VALENTINA — Ensurdecer.

D. JOANA — Então, qual seria o teu ideal?

MARIA VALENTINA — Vejo-o nitidamente (cerrando os olhos). Um rapaz que esteja a alguma distância dos trinta anos, sem grandes preocupações e que possua boas maneiras. Deve ser de vontade fraca, sem uma inteligência muito atilada, a fim de que a sua superioridade me não vexa e a sua energia me não torne a mais fraca. Devia ser bondoso, tolerante, vestindo com certa elegância e dum pretensiosismo discreto e suportável.

D. JOANA — Acabas de fazer o retrato de teu primo. Mas se gostas dele, para que procuras irritá-lo constantemente com gracejos de mau gosto.

ALVARO (com visível enfatuação) — Quem desdenha...

MARIA VALENTINA — Estupido... grosseiro... malcriado...

ALVARO — Traduzo: «cada vez gosto mais de ti»...

MARIA VALENTINA (exasperada) — No seu tempo, avósinha, também as netas eram incitadas a fazer declarações aos primos?

D. JOANA (um pouco confusa) — No meu tempo... no meu tempo as netas podiam ter o desejo de responder nesse tom a suas avós. Mas não se atreviam a tanto. Havia mais respeito.

MARIA VALENTINA (maliciosa) — E as avósinhas não seriam, por acaso, mais discretas?... HELENA DE GUSMÃO.

## SALGADO DO CARMO

CONSTITUIU um autêntico êxito o concerto que este ilustre guitarrista e sua filha a s.<sup>a</sup> D. Morayma do Carmo realizaram ontem no salão da Liga Naval. Artistas de há muito conhecidos entre nós e lá fóra, com os seus créditos por demais formados em todos os meios musicais, Salgado do Carmo e sua filha obtiveram um êxito que tudo fazia prever. Qualquer das peças musicais do programa — trechos que ninguém diria poderem adaptar-se a uma guitarra! — obteve o mais ruidoso e franco dos aplausos por parte da enorme e selecta assistência ao concerto.

saem mais baratas, como se lhes fica tendo um amor quasi maternal, pois custaram o nosso esforço e a nossa arte em as confeccionar.

Além de tudo, tornam-se preciosas em certos ócios aborrecidos, que muitas vezes tornam a vida da mulher fastidiosa e monótona.

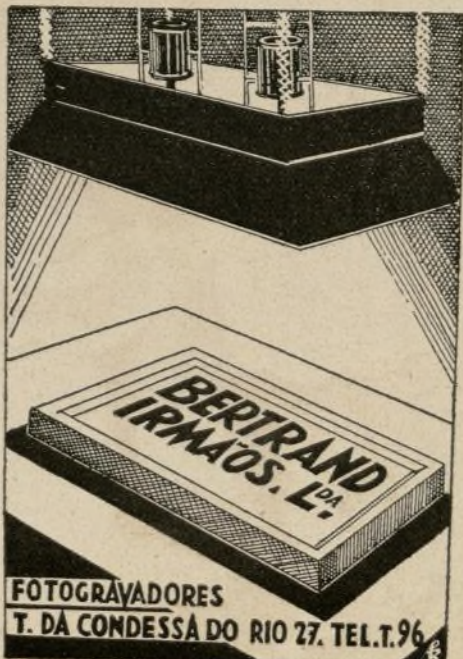
Aproximam-se os dias maiores do ano, em que sobra tempo para as nossas leitoras se dedicarem um pouco aos trabalhos elegantes e delicados de confeccionar rendas — as preciosas



rendas, símbolo de leveza e de graça subtil.

Bem hajam as mãos que fazem esses mimos encantadores, essas mãos róseas, aranhas a tecer mimosas teias plenas de arte e de beleza.

BERENICE.  
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





# HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

## OS ONZE CISNES BRAVOS

(CONTINUAÇÃO E FIM)



nes lhes acabaram com o encanto. Mas, desde o momento em que comesas a tua tarefa até que a tenhas acabado, nunca mais dirás uma só palavra: do contrario sobre a cabeça de teus irmãos cairá uma aguçada espada que os matará a todos.

Elisa acordou então. Era já dia claro: ao lado da princezinha estava uma ortiga igual àquela que vira nas mãos da fada. Elisa caiu de joelhos agradecendo a Deus o sonho que tivera e saiu logo da caverna para principiar com a sua tarefa.



Ao pôr do sol voltaram os principinhos e ficaram aterrados ao ver Elisa completamente muda. Olhando porem para as mãos da irmã compreenderam que esta estava tratando de os desencantar. Durante todo o dia seguinte não apareceram o que deu em resultado que, à noite, já Elisa havia feito um casquinho de malha e começado com outro. De repente porém ouviu-se um som de trompas de caça e dentro de poucos minutos diante da caverna estava uma porção de caçadores: o mais formoso de todos eles era o Rei daquelas terras.

Olhou para Elisa e ficou pasmado: até ali nunca os seus olhos tinham visto uma tão formosa donzela.

— Como é que veio aqui parar, minha linda menina? — perguntou-lhe ele.

Elisa abanou a cabeça e não respondeu. Por coisa nenhuma deste mundo ela se atreveria a abrir a boca!... E escondendo também as mãos para que o Rei não visse o que ela estava fazendo.

— A menina não pode ficar aqui! — disse-lhe o Rei. — Se a menina for tão boa de coração como é linda de rosto, vesti-lhe hei de sedas e veludos e colocarei sobre a sua formosa cabeça a minha coroa real, de ouro e pedras preciosas.

E agarrando nela, pô-la em cima do seu cavalo. Elisa porem poz-se a chorar e a torcer desesperadamente as lindas mãosinhas... E vai o rei disse-lhe:

— Descanse, minha formosa menina, descanse que ninguém lhe quer fazer mal. Eu não desejo senão a sua felicidade. Deixe estar que ainda um dia me hade agradecer aquilo que eu agora estou fazendo!

Ao cair da tarde o Rei chegou ao palácio com os seus caçadores e a princeza Elisa. As damas do paço tomaram conta da donzela, vestiram-lhe riquíssimos fatos de rainha, ornaram-lhe o cabelo de fios de perolas e calçaram-lhe com delicadas luvas as mãosinhas feridas.

Quando Elisa apareceu em toda a magnificência do seu traje estava tão linda tão linda



que o Rei escolheu-a logo para sua esposa, muito embora o senhor arcebispo começasse a cochichar que Elisa lhe parecia ter uns certos ares de bruxa.

Mas o Rei não deu atenção ao arcebispo e Elisa foi levada pelo palácio fóra, atravessando riquíssimas salas. Não houve maneira porém de lhe arrancar um só sorriso... Então o Rei abriu uma porta: diante de Elisa apareceu um pequeno quarto que era tal e qual a caverna aonde o Rei a tinha visto. No chão estava o molho de ortigas; duma das paredes pendia o casquinho de malha que ela acabara antes de fazer.

Quando Elisa viu o casquinho de malha e as ortigas, sorriu alegremente e beijou a mão do Rei, enquanto ele a apertava com ternura de encontro ao coração e dava ordem para que os sinos tocassem a noivado.

E a formosa donzela muda ficou sendo dali a momentos Rainha daquelas terras...

De dia para dia Elisa cada vez amava mais o seu marido. Ah! quanto teria aliviado o seu coraçãozinho o poder-lhe contar tôdas as suas máguas e dores! Mas tinha de continuar muda, silenciosa, até que acabasse a sua tarefa!... À noite, costumava sair de ao pé das suas damas e ir para o quarto que o Rei mandara arranjar à maneira da caverna aonde a tinha visto pela primeira vez. Ah! Elisa punha-se a trabalhar nos casaquinhos de malha, mas, ao começar o sétimo já não havia ortigas!... Então Elisa, numa noite de luar, saiu do palácio, dirigiu-se ao cemitério, colheu lá uma grande porção de ortigas e trouxe-as para casa.

Mas o arcebispo viu-a sair e foi contar tudo ao Rei... E a pobre Elisa foi então condenada a ser queimada viva como uma feiticeira.

Quando chegou o dia do suplicio, uma



## A PROPÓSITO DE LIVROS

O IRMÃO DE LUZIA, ROMANCE POR NUNO DE MONTÉMOR  
AZAS FERIDAS, VERSOS POR D. CÂNDIDA AIRES DE MAGALHÃES

Se a leitora quer ler um lindo romance de amor e de paixão, um destes romances que versam o eterno e maravilhoso tema, sempre novo e aliciador, então compre o volume que Nuno de Montemor, pseudônimo dum escritor ilustre, acaba de publicar. Chama-se esse precioso livro: *O irmão de Luzia* e serve, por assim dizer, de continuação a outro do mesmo autor, há tempos publicado sob o título de *A paixão duma religiosa*. Não julgue a leitora que irá encontrar n' *O irmão de Luzia* uma complicada e retorcida análise de corações modernos, um destes casos patológicos em que se comprazem os espíritos de certos escritores, tão falhos de penetração psicológica como de ideias e de beleza. Não: *O irmão de Luzia* pertence ao número dos romances que dão vontade de viver e de agir em conformidade com velhas e sádias regras... É um romance de amor e de bondade, um estudo de almas e corações que entredito, palpitando de interesse e, por vezes, de amaríssima tragédia, prende da primeira à última página. Surpreende-se a gente, a meio da leitura, a pensar como, afinal, é fácil fazer arte sem recorrer a temas escabrosos, a psicologias que só existem no espírito de certos escritores falheiros: chega-se ao fim com pena de que o romance tenha acabado e, — porque não o dizer? — baila nos nossos olhos uma lágrima impertinente alegre... Porque os seus personagens pertencem à vida, são humanamente belos e, sem enveredar pelo género aborrecido de certas novelas piegas, há neles tanta bondade verdadeira, tanta luta, tanta dor e verdade que, a gente, topa com eles por aí a cada passo, muito admirados de que haja quem faça da Humanidade coisa ainda pior do que ela é... Os seus personagens estão a dentro da vida, são dos nossos dias e duma lógica ir-

respondível... A leitora deveria ler *O irmão de Luzia*... Porque o não lê? Olhe que só tem a ganhar, querida leitora!...

Lindos versos, é certo, estes do livrinho *Asas feridas*, que a sr.<sup>a</sup> D. Cândida Aires de Magalhães acaba de publicar... Mas, desconsoladores, cheios de amargura, tédio, desesperança... Versos de quem já nada espera e se compraz na exibição da sua melancolia, do seu cansaço da vida... E como admitir que num coração de mulher, muito nova ainda, só dor e amargura possam existir? A sr.<sup>a</sup> D. Cândida Aires de Magalhães não estará malbaratando um belíssimo talento com temas já velhos e consabidos? Porventura o melhor bem que Deus nos concedeu — a passagem pela terra — constará, em verdade e apenas, do choro alto e desesperado que certos escritores nos querem apresentar? Tudo é dor e enfado nesta vida? Nada mais existe que mereça rimas de oiro e conceitos definitivos? Parece-nos bem que assim não é... Porque a vida é um dom generoso que é necessário merecer e, verdade, verdade: nem tantas são as suas amarguras que só elas contem na terra!... Parece-nos que a tristeza, na maioria dos casos, é inimiga da virtude e, quicá, a melhor amiga do demónio... Sofrer com resignação, chorar humanamente e cantar com alegria os bens que Deus nos concede, ainda será a melhor filosofia! Já S. Francisco de Sales, mestre de almas e corações, dizia que «um santo triste é, na verdade, um triste santo!...» Porque tomar, pois, como tema obrigado de prosas e versos aquilo que, na maioria dos casos, é o nosso pior inimigo?

O amor, a saúde, a alegria, valerão menos que as dores e amarguras desta vida?

F. M.

Nenhum toucador de mulher moderna poderá dispensar os *Productos de Beleza* que Voga vai apresentar em breve  
Ayuntamiento de Madrid



## O TRATADO DA PAZ

CONTO DIALOGADO POR CYBELLE

Em Sintra. À hora em que os últimos reflexos do sol incendiam ainda os torréides da «Pena», marcando pinceladas de ouro, dispersas sobre a copa do arvoredo sereno e imóvel.

«Ele»: — tipo de figurino inglês marca «Burberry»; ar enfiado de quem é feliz porque assim tem que ser.

«Ela»: — super-actualizada, silhueta sem curvas, beleza química a que o risco das sobranças artificiais empresta um vago sabor oriental.

Indiferentes à paisagem arrebatadora que os rodeia, descem a montanha, deixando rodar quasi destravado, o seu «Nash» veloz do último modelo. É «Ela» quem vai ao volante. Casaram na véspera.

ELA: — Há já vinte e quatro horas que sou sua mulher!

ELE: — Tem graça! Há exactamente o mesmo tempo que sou seu marido!

ELA: — E esqueço-me sempre de que já sou «madame»!

ELE: — Talvez porque não está ainda habituada a casar... É a primeira vez que casa: não admira...

ELA: — Espero que seja a primeira e também a última.

ELE: — Bons sentimentos! Pois eu... não!

ELA: — Sempre o mesmo! Quando esta manhã recebi aquêle telegrama de parabéns dos Wyllies, até julguei que se tinham enganado no endereço...

ELE: — Você disse que será esta a primeira e a última vez que se casa? Não querará certamente esquecer-me de que está... está... arrependida?

ELA: — Arrependida não direi... Mas começo a compreender o motivo por que as Companhias de Seguros seguram tudo... menos a felicidade conjugal.

ELE: — Talvez porque esse ramo de seguros, nos tempos que vão correndo, não oferece garantia suficiente.

ELA: — Resta-nos, em caso de perigo, o S. O. S. do Divorcio.

ELE: — É um processo já muito gasto!

ELA: — Tem razão! Até a minha criada de quarto é divorciada!

ELE: — Afinal porque casou você comigo?

ELA: — Para experimentar a intensidade do meu poder de sedução sobre um homem difícil como você...

ELE: — Sempre pensei que fôra eu quem a seduzira!

ELA: — Fômos ambos!

ELE: — Às vezes parece que nos entendemos!

ELA: — É ilusão mental! Você não casou comigo por amor?

ELE: — Talvez... Mas já estive mais convencido disso!

ELA: — Estamos em igualdade de circunstâncias!

ELE: — Com a leve diferença de que sou eu a única vítima da tal ilusão mental!

ELA: — Perdão! A mulher sou eu! Sou eu a verdadeira vítima sacrificada no altar do seu egoísmo assombroso.

ELE: — Entre casados o egoísmo passa a chamar-se altruísmo.

ELA: — Você procurou no casamento um simples refugio ocasional para a sua vida agitada de elegante blasé.

ELE: — Isso mesmo! Uma espécie de doca seca para reparações urgentes!

ELA: — Ou você não fôsse engenheiro naval!

ELE: — Não se exalte! Bem sabe que odeio todas as «pannes»... até mesmo as matrimoniais.

ELA: — E eu odeio-o a si!

ELE: — Vinte e quatro horas depois de casada?... Tem razão! Estamos na época das velocidades... Time is money!

ELA: — Agora compreendo por que certas mulheres se divorciam!

ELE: — Não chore que desbota a pintura e além disso é... é perigoso.

ELA: — Perigoso?

ELE: — Perigoso porque quando vejo uma mulher a chorar por mim dá-me vontade de lhe bater!

ELA: — Estúpido! Eu não estou chorando por si! É por mim... só por mim!

ELE: — Cuidado!!! Não perca a direcção ao carro. Olhe que a estrada é perigosa!

ELA: — Se fômos por esta ribanceira abaixo tanto melhor!

ELE: — Espere, paremos aqui sob este cêdro. Talvez podessemos chegar a um acôrdo...

ELA: — Qual?

ELE: — Enxugue primeiro as lágrimas, assim... com cautela, para não apagar as sobranças.

ELA: — Trata-se de estabelecer um contracto post-nupcial de separação de direitos e regalias.

ELE: — Uma espécie de estatutos que regulem a nossa sociedade conjugal. Boa ideia!

ELA: — A que cada um de nós deverá rigorosamente submeter-se.

ELE: — Com interesses comuns!

ELA: — Em absoluta obediência aos princípios da igualdade dos sexos!

ELE: — Baseados na lei do respeito e amor mútuos...

ELA: — Evidentemente! Estudemos primeiro o fenómeno do mau humor...

ELE: — Estamos no momento oportuno.

ELA: — Fica desde já combinado que é expressamente proibido estarmos ambos de mau humor ao mesmo tempo.

ELE: — Seja esse o artigo 1.º.

ELA: — Quer dizer, quando eu estiver zangado, você deve mostrar-se impassível, sorriso nos lábios, muito calma, ouvindo em silêncio todas as recriminações que por ventura me apeteça fazer-lhe.

ELE: — E vice-versa.

ELA: — E vice-versa?

ELE: — Exactamente! Quando eu numa crise de exaltação passar a chamar-lhe aquilo que muito bem me vier à cabeça, você quedar-se-há

impavido e sereno como um verdadeiro D. Tancredo.

ELE: — Paciencia! Lá D. Tancredo não me importarei de ser...

ELA: — O artigo 2.º?

ELE: — Artigo 2.º: Não é permitido abrir a correspondência endereçada ao outro conjugue.

ELA: — Esplendido! Mas esse artigo requiere a introdução de um paragrafo único, para evitar... confusões futuras.

ELE: — Lembrou-lhe que é de toda a conveniencia que este Tratado de Paz seja o mais laconico e resumido possivel!

ELA: — Pois sim, mas trata-se de resalvar um assunto da máxima importância para a nossa felicidade.

ELE: — Qual?

ELA: — Parágrafo único: A correspondência poderá ser aberta pelo outro conjugue, sempre que duas ou mais cartas, com a mesma caligrafia e perfumadas, surgirem dirigidas ao chefe de familia.

ELE: — E quem é o «outro conjugue»?

ELA: — Sou eu!

ELE: — E quem é o «chefe de familia»?

ELA: — Quem ha-de ser senão você?

ELE: — Mas onde há um «chefe» não pode haver igualdade... igualdade de sexos.

ELA: — Não importa! Trata-se de evitar uma das mais flagrantes manifestações de infidelidade conjugal.

ELE: — Não é provavel que tal suceda...

ELA: — Mas é sempre possivel!

ELE: — Você é suficientemente inteligente para compreender que na minha situação de homem de sociedade não posso impedir que alguém... uma mulher, por exemplo, me escreva convidando-me muito naturalmente para uma hora de tennis.

ELA: — Nesse caso, muito naturalmente, irei também!

ELE: — Começo a desconfiar que não lhe sou de todo indifferente.

ELA: — Está aprovado o parágrafo único?

ELE: — Só poderei aprová-lo caso seja admitida a sua reciprocidade.

ELA: — É curioso! Começo também a vencer-me que afinal sempre lhe ofereço algum interesse!

ELE: — Dar-se-há o caso de gostarmos um do outro?

ELA: — Eu sempre gostei de si. E você?

ELE: — Eu?... sim... compreende, se não gostasse nunca teria casado consigo!

ELA: — E será então «isto» que nós sentimos um pelo outro «aquilo» a que chamam amor?

ELE: — Que outro nome se lhe poderá dar?

ELA: — Consequentemente casamos por amor e não por... conveniencia, como é costume entre pessoas da nossa condição!

ELE: — Se não há casamento por conveniencia!

ELA: — Que alegria! Como se sinto feliz! Casei por amor sem dar por tal!

ELE: — E eu também!

ELA: — Estamos absolutamente de acôrdo graças ao nosso «Tratado».

ELE: — O «Tratado da Paz»!

ELA: — Viva o «Tratado da Paz»!!!

...E enquanto ao longe as serranias desaparecem lentamente perdendo a nitidez das suas linhas no lusco-fusco da noite que chega, uma neblina perfumada de mansidão e amor desce da montanha envolvendo o «Nash» ainda ha pouco rodando veloz e agora parado na estrada deserta...

☞ ☞

CABEÇUDO COM SORTE

SUN-LI-TRÉ, que há vinte e três anos nasceu em Pekim, sofreu, durante quasi toda a sua vida, sem um queixume, com uma paciência e uma resignação verdadeiramente chinesas, isto é, inexgotáveis, uma grande desgraça. Tendo nascido com um crâneo em absoluto normal e um rosto que não ofendia, de maneira grave, a estética, sobreveio-lhe, em plena adolescência, uma enfermidade cerebral que o deformou. E de tal maneira que passou a ser troçado e convertido em fenómeno, sob a impiedosa designação de «homem-cabaça».

Da sua desgraça acabou por nascer a sua felicidade.

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

## ECOS E COMENTARIOS

A AMAZONA E A CICLISTA

HÁ cerca de 20 anos, em Paris, a bicicleta tinha um grande prestígio entre as mulheres. Era moda dar-se um passeio pelo Bois e mesmo pelos arredores da cidade. Veiu a guerra e, com ela, a intensificação do sport feminino, tudo parecendo, nessa altura, indicar que o ciclismo feminino ia consolidar o grande prestígio de que já gozava. Aconteceu exactamente o contrário. As ciclistas foram rareando à medida que ia aumentando o número das amazonas.

Este abandono e esta preferência — porque? Houve quem supuzesse que a excessiva democratização da bicicleta acabasse por tornar execrável, para as pessoas que maior respeito tem pelas prescrições mundanas, este simpático e pitoresco meio de locomoção. Outras pessoas, atacadas do desejo, aliás nada louvável, de nunca deixar abrir brecha na sua reputação, mas talvez falsa, perspicácia, afirmaram que o ciclismo era um sport prejudicial para a mulher quando, afinal, o é muito mais o do hipismo — exactamente o que está agora em voga.

A verdadeira razão desse abandono está na circunstância de não ter sido criado, após o advento das saias curtas, um traje gracioso e elegante para as ciclistas.

Donde se infere que, a pesar de todas as inovações da existência feminina, o sport que mais preocupa a mulher é a moda. Nenhuma mulher ousará, por certo, afirmar o contrário...

A GUERRA AOS SOLTEIROS

TENDE a propagar-se por todo o mundo civilizado a campanha contra os hesitantes ou cautelosos solteiros que a despeito das atracções sempre cada vez maiores do belo sexo, persistem em conservar-se alheios ao maior e único dever do homem: a constituição da familia!

Mussolini, na Itália, declarou-lhes guerra sem tréguas, lançando sobre todos os celibatários uma tão pesada contribuição que os deixou verdadeiramente capazes de... casar mesmo sem querer!

Vários argumentos foram apresentados e in-

teligentes defesas foram expostas tendentes a demonstrar que apesar da maioria dos solteiros se conservar nesse estado por simples egoismo ou covardia moral, também com efeito existe um grande número de infelizes mancebos que se até hoje ainda não casaram é porque o anjo ideal dos seus sonhos não foi encontrado ou, em pior hipótese, recusou as homenagens do desgraçado contribuinte.

Mussolini não atende, porém, a estas e outras revelações e a despeito de todos os seus esforços para se furtarem ao jugo da lei, os solteiros italianos vêem-se obrigados a concorrer para as despesas do estado mais do que qualquer outro cidadão da Itália, porque Mussolini está convencidissimo de que neste mundo só não casa... quem não quer!

Em Londres existe um lord proprietário de inúmeros prédios que recusa em absoluto firmar contractos de arrendamento com quem não seja casado.

Sempre que se lhe oferece a oportunidade compra edificios e moradias colossais e ordena o despejo de todos os moradores solteiros, impondo-lhes como condição, que caso desejem conservar-se nas casas terão que consorciar-se dentro de um determinado prazo.

Este processo parece ter dado os resultados desejados, ainda que há também quem afirme que esses casamentos são só para... o inglês vêr!

SINAL DOS TEMPOS

Os tempos continuam a sua acelerada evolução. Antigamente, nenhum dos membros da aristocracia ousava dedicar-se ao comércio e à indústria. Hoje, em Paris, são em grande número os aristocratas que se dedicam a negócios para aumentar ou recuperar as suas fortunas e até, nalguns casos, para agenciar, simplesmente, o pão quotidiano.

A princesa Luciano Murat, acaba de montar uma livraria, e a duquesa de Noailles um armazem de bijuterias; a condesa Foresta pinta aguarelas; a princesa de Polignac é compositora de música e a duquesa de Agen dirige um armazem de modas.

Em compensação, quantas pessoas que se dedicam ao comércio e à indústria, não desejariam ser aristocratas?



cidade, circunstância paradoxal que, podendo provocar estranheza a um europeu, nem ao de leve, perturba um chinês.

Um empresário norte-americano assinou com ele um contrato na importância de 250.000 dólares ou sejam 5.000 contos na nossa moeda.

Parafraseando um dito célebre, Sun-Li-Tré poderá aconselhar a alguns dos seus compatriotas: «faz da tua fealdade, uma fortuna».

## VOGA

E' uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

☞ ☞

## VOGA

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35

TODAS AS LEITORAS E ASSIGNANTES DA VOGA DEVERÃO PREFERIR OS NOSSOS PRODUCTOS DE BELEZA Ayuntamiento de Madrid



## TODA A MULHER

deve cuidar da estética do seu BUSTO que nem sempre pode ser corrigida pela «toilette» que veste. É indispensável que as suas formas sejam proporcionais à sua estatura. O FILOCOL N.º 1 serve para desenvolver o PEITO, o N.º 2 para o endurecer e o FILOCOL N.º 3 serve para o diminuir. Preço do N.º 1 ou do N.º 2 — Esc. 25\$00, pelo correio — 26\$00. Preço do N.º 3 — Esc. 40\$00, pelo correio — 42\$00.

## AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar as HOSTIAS d'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente sem prejudicar a saúde. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc. — pelo correio 26\$00 escudos.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.º — LISBOA

## Grafologia

N.º 450 — Uma minhota incrível. — Incrédula porque?

A pesar do documento enviado (um pedaço de um envelope com uma direcção) não ser suficiente para me permitir fazer uma análise perfeita, estou certa que bastarão estas minhas revelações para demonstrar-lhe que... a Grafologia sempre merece algum crédito.

Vejamos:

Inclinações morais: Boas, altruistas, egoista mas benemérito, dominador mas afável.

Aptidões intelectuais: Imaginação fecunda, entusiasmo, escrevendo mais do que lê. Gostos elevados, actividade de espírito, acção e memória.

Disposições físicas: Excelentes, traduzindo vigor e energia decidida e audaz, sem todavia

## AS SENHORAS DAS AVENIDAS NOVAS

preferiam, para corte de cabelo, o gabinete do SALÃO ARTE NOVA, AVENIDA MIGUEL BOMBARDA, 72, onde serão atendidas por um artista especializado.

esquecer o sentimento da prudência sempre patente em todas as suas empresas.

Quer fazer-me a fineza de escrever informando-me se depois deste resultado ainda duvida da Grafologia?

N.º 451 — Uma Nini másona. — Habilidade, cautelosa, na justa compreensão do espaço e do tempo...

Aparentemente simples, a sua imaginação é extraordinariamente agitada e em todos os seus traços surge bem evidente a sua vontade forte e incisiva. Na exterioridade é de uma calma perturbadora, mas sob as suas veias corre um sangue bem meridional, ardente de mocidade e energia.

Observadora e minuciosa por excelência, todas as suas qualidades morais são boas e equilibradas.

N.º 452 — Uma solteirona rabina — Ora nem sempre nos pseudónimos adoptados pelas minhas amáveis consulentes existe aquela inteligência lógica de um objectivo definido...

Desta vez, porém, estou em dizer que o resultado da análise grafológica deste soneto, singular fragmento de uma obsessão rebelde, concorda em parte com a terceira palavra, do pseudónimo aliás teórico porque... nas sinagogas não há Rabinas, mas só Rabinos!

E a sua conversão está para breve. Essa afectividade latente há de forçosamente frutificar em terreno propício, porque a pesar da sua dificuldade de expressão, todos os seus sentimentos são bons e dignos.

N.º 453 — Nemo — É bem o grafismo de «alguém» que não deseja ser contrariado nas suas

**NYTHIS**  
Parfume de  
GELLÉ FRÈRES  
PARIS



ESSENCIA  
PÓ DE ARROZ  
LOÇÃO  
ÁGUA DE COLÔNIA  
SABONETE

Se vendem em todas as boas Casas  
Agentes gerais STEITEN & FILHOS, Rua de Madalena 21E, LISBOA

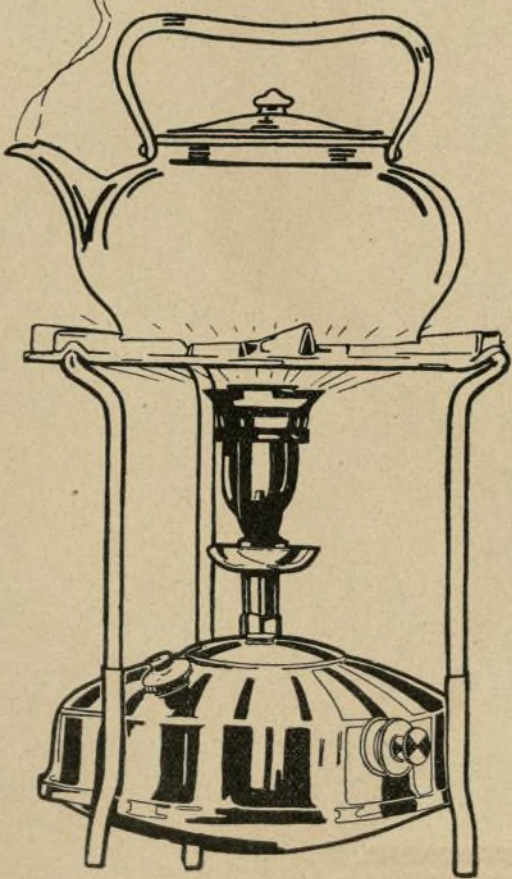


## "FOGÃO DA VACUUM"

quere dizer:

Comodidade,  
Economia e rapidez  
Faz um chá 5 minutos  
em

gastando menos de  
um decilitro de



**Vacuum Oil Company**

Rocio, 67 Telef. N. 3075 e nas suas Agências

resoluções, por vezes arriscadas, obedecendo sempre a um critério equilibrado e correcto.

Simple, sincero e audaz, todos os traços definem uma grande firmeza de carácter e atitudes, procurando sempre ter em vista a beneficiação da sua posição, o que aliás constitui uma excelente característica de triunfo num futuro próximo.

N.º 454 — Primavera — Sempre que a impressionabilidade se dilata além do limite do domínio pessoal, os sentimentos mais nobres do indivíduo, a inteligência e vontade são absorvidas por esse estado de espírito absolutamente anormal, em prejuízo de todas as qualidades generosas, de ordinário flutuantes nesse espírito.

Estou na presença de um documento traçado exactamente nessas circunstâncias, em que a pessoa que o gravou, arrebatada por uma grande agitação e impressionada por uma série de circunstâncias alheias à sua vontade, procura, sobretudo, aparentar-se digno e forte, quando a um milímetro de profundidade do seu personalismo, o vendaval é terrível...

Depois, com um esforço vigoroso, consegue então chamar a si todas as suas forças e verifica que a final, não vale a pena molestar-se tanto...

Não devo, porém, terminar, sem revelar-lhe os principais característicos morais indicados por este grafismo.

Tais são: a susceptibilidade, a descrença inexplicável, a perspicácia e o... ciúme.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da Voga, reenderçar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à Voga, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.



**BERTRAND**  
**IRMAOS, L<sup>DA</sup>**

**FOTOGRAVADORES**

**TELEFONE TRINDADE**

**96**

**T. DA CONDESSA DO RIO 27**  
**L I S B O A**





A grande dançarina no bailado «Visão mística»

É possível, infelizmente, que o nosso público ainda não tenha ouvido falar desta grande artista do país vizinho, dançarina extraordinária, cujas interpretações coreográficas da alma artística da Helade correspondem a verdadeiras ressurreições de maravilha...

Aurea é uma daquelas raríssimas artistas de eleição que o mundo só de longe produz e cuja passagem pela terra deixa ficar um sulco de luz e de beleza... E *Voga*, como revista feminina que é por excelência não quis deixar, por forma nenhuma, de ser a primeira a apresentar ao público culto de Portugal esta grande intérprete da alma grega, honra e lustre do sexo a que pertence. Aurea recebe com a maior amabilidade o nosso correspondente em Madrid e tem palavras do maior elogio para a *Voga*, que classifica de o melhor semanário feminino de toda a Península, o único mesmo digno de tal nome...

— Porque não interpreta danças espanholas? — foi a nossa primeira pergunta, feita à grande artista espanhola Aurea, a famosa bailarina criadora dos cantos plásticos, que agora triunfou em Londres, em Bruxelas, em Berlim, no Egipto, na Grécia, etc.

— Porque não estão dentro do meu temperamento.

— O quê? Não gosta...

— Gosto e muito, mas tenho pena de não as saber interpretar. Fiz da minha arte profissão de fé, e portanto, testemunho da minha sinceridade. O artista do canto, da poesia, da música ou da dança só deve dar expressão rítmica ou plástica aquilo que «vá» dentro de si. Deixaria então de ser aquilo que pretende ser: artista. Não julgue que sinto desprezo pelas danças espanholas. Oxalá eu pudesse dançar «em espanhol» como Laura de Santelmo, que é, a meu ver, uma das melhores intérpretes das nossas danças.

— E a Pastora Império?

— Nos seus tempos, foi uma grande dançarina. Nunca vi no mundo uns braços como os da Pastora. Mas eu não posso, não sei; desde que comecei a dançar fi-lo com os pés nús e a minha maior aspiração seria morrer a dançar com os pés nús também.

## AUREA

A GRANDE TRÁGICA DA DANÇA, FALA À «VOGA» POR INTERMÉDIO DO NOSSO CORRESPONDENTE EM MADRID

— Podemos considerá-la como uma discípula da Duncan...

— Não, não — interrompe a grande bailarina. — Não tenho professoras. Tudo o que faço é meu, nasceu comigo. A Duncan foi realmente uma maravilhosa intérprete do sentimento escultórico dos gregos; mas, quanto a mim, faltava-lhe o espírito, o fundo humano daquela antiga civilização, que eu pretendo reviver nas minhas criações com toda a força evocadora que a minha alma sente.

— E os bailes russos?

— Como espectáculo de cor e conjunto são bonitos; mas, quanto a mim, a dança é harmonia, ritmo, expressão. Os bailes russos só nos dão movimento, e o movimento, quando não obedece a uma razão interior, — nós somos contemplativas como os místicos

— tende à acrobacia, o que está para a dança como a poesia para o «couplet».

Aurea foi aclamada e proclamada pelo povo grego. 60.000 pessoas, acudiram em romaria ao Santuário de Deméter, a 20 quilómetros de Atenas, em Eleusis, para a verem penetrar nos mistérios da Deusa.

— Foi um dos dias mais felizes da minha vida!... — recorda a grande artista com os olhos húmidos de emoção e daquele nobre orgulho que só sentem os eleitos.

— Não esteve ainda em Lisboa?

— Não. Tenciono lá ir brevemente. Dizem-me que o público de Lisboa é um dos mais cultos da Europa e estou ansiosa por levar a a minha arte à sua apreciação.

Oxalá que ele a aprove e aclame. SEAVON.

NO OVAL: «Aurea», desenho do escultor espanhol José Clará

EM BAIXO: «Aurea» no teatro Dionisos

